

PLACAR

N.º 802 04/OUTUBRO/85 Cr\$ 8 000



**FLUMINENSE
E VASCO: A
BATALHA DA
GUANABARA**

**COMO O MÉXICO
TENTA SALVAR
A COPA ABALADA**

**JOÃO
SALDANHA:
"O BRASIL NÃO
GANHA
DE NINGUÉM"**

A volta da unanimidade nacional

SÃO PAULO ROBERTO FALCÃO

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, GOIÁS, MARANHÃO, MATO GROSSO, PAPA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA, SERGIPE, CT# 11 009 - 0583

Handwritten signature: VASCO

A FOTO DA SEMANA



NICO ESTEVES

De repente, eles estão frente a frente — o atacante, a bola, o goleiro — e nessa hora vale tudo. Como mostra o goleiro Marcus, da Inter, de Limeira, contra o atacante Müller, do São Paulo, domingo passado

CARO LEITOR

O brilho do pessimista e a esperança do craque

Há poucos homens tão brilhantes no Brasil quanto o comentarista João Saldanha. Sua inteligência, seu senso de humor, seu conhecimento do futebol e da vida, e, acima de tudo, seu carisma, fazem dele uma dessas raras personalidades realmente únicas. Na semana passada, embora adoentado, Saldanha recebeu o chefe da sucursal de PLACAR no Rio de Janeiro, Palmério Dória, para a entrevista que está sendo publicada a partir da página 35. Conversar com o ex-técnico da Seleção do

Brasil e ouvir suas opiniões sobre qualquer assunto, seja lá do que se trate e concorde-se ou não com o que ele diga, é sempre uma experiência riquíssima.

Desta vez, João Saldanha mostra-se um pouco mais cético e pessimista do que de costume. Existem, no entanto, motivos para se raciocinar na direção contrária. E um deles entrou em campo

Saldanha: ceticismo e bom humor



na semana passada: mesmo sem exibir ainda todo seu talento, pois se recupera de longa inatividade, Paulo Roberto Falcão está afinal jogando com a camisa do São Paulo. Com ele, brota uma nova esperança no coração de todos os torcedores.

Carlos Maranhão

SUMÁRIO

A estréia de São Paulo Roberto Falcão	4
Decisão da Taça GB: Flu ou Vasco	10
México: a Copa para esquecer a tragédia	13
De Primeira	16
Juca Kfourri	18
Mais três europeus se garantem na Copa	20
Zico e a violência: "Chega de jogo sujo"	22
Batista, o zagueiro-pianista do Galo	26
Dema, o recordista da indisciplina	28
Lima, ídolo do Náutico	31
William, craque do Vasco que ninguém vê	32
Entrevista: João Saldanha	35
50 anos dos Jogos Abertos do Interior	42
A dupla inimiga do América carioca	46
Fernando, a revelação do Grêmio	48
Mundial de Futebol de Salão	49
Fórmula 1: a Honda ameaça os rivais	56
Mireya, de Cuba: a deusa negra do vôlei	60
Vôlei: a nossa nova geração feminina	62
Full contact, a moda violenta	76



FALCÃO

O rei está jogando

Paulo Roberto Falcão assume a camisa 5 do São Paulo e reconquista sua imagem de unanimidade nacional

Uma vitória e um empate. No final da semana passada, o saldo dos primeiros 180 minutos de Falcão jogando pelo São Paulo demonstrava, com clareza incomum no futebol, o justo resultado conseguido pelo astro

em seu duplo retorno, ao Brasil e à bola. A vitória, alcançada na estréia amistosa de quinta-feira contra o Internacional de Porto Alegre por um magro 1 x 0, deixou gordos indícios do acerto do negócio. O clube paulista,

que não investiu um tostão dos 7 bilhões de cruzeiros empregados pelo pool de empresas responsável pela contratação, começou a recolher seus dividendos: em números redondos, 650 milhões de cruzeiros de lucro pela parti-



NICO ESTEVES

da, além de faturar em imagem até mesmo junto às torcidas rivais. Já o empate de 2 x 2, domingo contra a Internacional de Limeira, resultado do primeiro jogo de Falcão valendo pontos pelo Campeonato Paulista, reflete de forma igualmente cristalina o aspecto técnico de sua entrada no time, que ganhou em categoria mas perdeu, pelo menos momentaneamente, em explosão.

“Espero muito mais de Falcão, mas bem mais adiante, não agora”, dizia o treinador Cilinho depois da partida de Limeira, em que a estrela acabou sendo o ponta Éder, autor de dois gols. “Não posso deixar de escalar Falcão, senão ele não recupera a forma.”

O técnico, de fato, está numa posição delicada: seu negócio imediato é

**Limeira, 29 de setembro de 1985:
Falcão estréia em jogos oficiais,
mas antes vence um grande susto**

se classificar para o quadrangular decisivo e ganhar o Campeonato Paulista, num ano em que o São Paulo é disparado o melhor time do Estado (veja a colocação na página 6). Mas como dispensar o reforço de um dos jogadores mais completos do mundo, mesmo que isso provoque um desacerto temporário no conjunto? A entrada de Falcão, pelo menos nos dois jogos que ele disputou, diminuiu o ritmo veloz imposto pelo jovem elenco tricolor, além de ter provocado alterações sensíveis na forma de jogar. Para que entrasse, o volante Márcio Araújo foi recuado para a quarta-zaga, saindo Da-

río Pereyra. Como Falcão naturalmente está sem noção exata de seu espaço em campo — desde que foi operado, em dezembro do ano passado, jogara apenas amistosos pela Roma e participou da festa pela volta de Zico ao Flamengo, em julho —, nota-se um problema tático: o talentoso Silas tem menos espaço para proteger a zaga, e Oscar e Márcio Araújo ainda não definiram qual dos dois sai para as antecipações necessárias, tarefa mais ao estilo de Darío Pereyra.

ESTRÉIA QUASE ADIADA

De quinta-feira para domingo, contudo, já se notou um desembaraço maior em Falcão — no jogo de Limeira, errou apenas seis passes, somou seis belos lançamentos e 35 toques corretos. E além de tudo arriscou, num gramado escorregadio, participar do sistema de deslocamentos do São Paulo de uma intermediária a outra, atitude que havia compreensivelmente evitado na partida de estréia. Apenas um grupo restrito de pessoas sabe o drama íntimo que ele viveu na noite de quarta para quinta-feira da semana passada, quando a festa marcada para o Morumbi correu até o risco de não se realizar.

À noite, ao voltar dos treinamentos para o Hotel Transamérica, onde estava hospedada também sua família, Falcão sentia crescentes dores na parte posterior da coxa direita. Segundo um membro do departamento médico do clube, poderia ser um estiramento muscular provocado pela tensão da estréia. Para o próprio Falcão, apenas uma dor muscular, mas muito intensa. “Trabalhei durante quase cinco meses a perna esquerda para me recuperar da cirurgia no joelho, e era natural que a atividade da última semana forçasse a direita, que sentiu”, conta ele. Apenas às 3 horas da manhã a dor foi vencida pelas massagens e bolsas de gelo aplicadas pelos fisioterapeutas Nivaldo Baldo e Luís Rosan, sob supervisão pessoal do médico do São Paulo, Marco Aurélio Cunha. “Não podia de forma alguma deixar de jogar”, lembra Falcão. “Todo mundo ia dizer que o joelho não tinha ficado bom.”

Além da promoção toda, uma razão muito forte empurraria o jogador de uma forma ou de outra para o espetáculo. “Sempre entrei em campo quando tinha as mínimas condições. Depois é que eu vou ver o que acontece, como o meu corpo reage”, afirma. Essas e outras atitudes extremamente dedicadas de Falcão ao futebol talvez ajudem ▽



Na noite da estréia, Falcão faz a roda no vestiário: "Se eu não jogo..."

FALCÃO

a explicar o fascínio que ele provoca em todas as torcidas de todo o país. Na última semana, PLACAR promoveu uma pequena enquete, sem maiores pretensões científicas, para averiguar o alcance dessa popularidade. Propositadamente no Rio de Janeiro, terra de Zico e nova morada de Sócrates, foram ouvidos 100 torcedores para que eles apontassem seu preferido entre os três principais craques do Brasil — Zico, Sócrates ou Falcão. Zico obteve todos os 20 votos da cota fluminense na pesquisa, e ainda assim Falcão empatou com ele no resultado geral — 42 votos para cada um, 16 pa-

ra o Doutor. Como se costuma dizer no mundo do futebol, empate fora de casa é vitória. Mas o espantoso é que mesmo em sua casa atual Falcão faça alguns milagres. Boa parte dos 48 000 torcedores que foram ao Morumbi, quinta-feira, era de torcedores que normalmente não engolem o São Paulo. Um exemplo foi o palmeirense fanáti-

Mesmo no Rio, prestígio de Zico não é maior

co Marcos Fábio Katudkian, 19 anos, que nunca tinha imaginado algo assim: empunhar a bandeira tricolor para colorir o estádio na festa da estréia.

CETIM E LANTEJOLAS

Depois da noite maldormida, foi com a elegância e a expressão impene-travelmente cortês de costume que Falcão se apresentou no Morumbi para a festa da estréia. Não se queixou a nin-

Os outros grandes sofrem na rodada

"Caramba, parece que a gente nasceu para consagrar goleiro." Toalha no ombro, copo de água na mão, o meia santista Mário Sérgio, 24 anos, resumia toda a frustração do Santos após o empate sem gols contra o Palmeiras, domingo à tarde, no Pacaembu. "Temos de tirar o chapéu para o homem", resignava-se Gersinho. "De novo paramos numa grande atuação de goleiro", concordava Lino. Os três jogadores tiveram nos pés a chance de dar ao Santos sua primeira vitória num clássico do campeonato, mas no fim só ajudaram Leão a colecionar os prêmios de melhor em campo.

"Estou rendendo de acordo com as circunstâncias", dizia um Leão surpreendentemente modesto após o clássico, punho direito protegido por uma munhequeira especial, em virtude de uma tendinite. "Importante é que o time está cumprindo pelo menos um requisito básico do futebol, que é não levar gols." Verdade, muito embora o



Mário Sérgio, do Palmeiras, e Humberto, do Santos: 0 x 0 no Pacaembu

Colocação do Campeonato Paulista

2.º TURNO

COLOCAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º São Paulo	12	8	4	4	0	13	4
2.º Santos	11	8	4	3	1	8	5
Paulista	11	9	4	3	2	8	8
4.º Juventus	10	8	4	2	2	8	5
Ponte Preta	10	8	3	4	1	8	3
6.º América	9	7	4	1	2	7	6
Guarani	9	8	3	3	2	8	6
Palmeiras	9	8	2	5	1	3	2
9.º Internacional	8	8	3	2	3	8	7
Noroeste	8	9	3	2	4	5	6
Santo André	8	8	2	4	2	4	4
Ferroviária	8	8	2	4	2	4	5
XV de Piracicaba	8	7	1	6	0	5	3
14.º São Bento	7	8	2	3	3	4	6
Corinthians	7	8	2	3	3	3	5
16.º Portuguesa	6	8	1	4	3	5	8
Comercial	6	8	1	4	3	5	10
18.º Botafogo	5	8	2	1	5	8	9
19.º XV de Jaú	4	8	1	2	5	7	14
Marília	4	8	0	4	4	5	10

GERAL

COLOCAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º São Paulo	36	27	13	10	4	43	18
2.º Portuguesa	34	27	11	12	4	34	20
3.º Santos	32	27	11	10	6	26	20
4.º América	31	26	11	9	6	25	22
Corinthians	31	27	10	11	6	32	23
Guarani	31	27	9	13	5	27	24
7.º Ponte Preta	30	27	12	6	9	35	25
8.º Palmeiras	27	27	8	11	8	21	23
Ferroviária	27	27	8	11	8	22	25
Paulista	27	28	7	13	8	25	26
11.º São Bento	26	27	10	6	11	23	31
Internacional	26	27	8	10	9	28	27
13.º Juventus	25	27	9	7	11	27	28
14.º XV de Jaú	24	27	7	10	10	27	32
15.º Botafogo	23	27	9	5	13	30	34
Comercial	23	27	8	7	12	28	39
Santo André	23	27	5	13	9	18	22
18.º XV de Piracicaba	22	26	3	16	7	19	25
19.º Noroeste	21	28	7	7	14	16	32
Marília	21	27	5	11	11	14	24



SERGIO BEREZOVSKY

Em campo: maus momentos para a elegância do rei

guém das dores musculares, que poderiam desculpar um mau desempenho. Com um desses paletós estampados que a cidade está-se habituando a ver em suas raras circuladas, no final da tarde o astro jantou com os colegas na concentração do clube e serviu-se de um cafezinho na cozinha. No vestiário, já trocado, participou da roda de orações e esperou a hora de entrar no gramado, onde, por alguns momentos, sua elegância seria levemente arranhada. O mínimo que se pode dizer é que, no Brasil, ainda não acharam o tom certo para essas grandes festas futebolísticas. O cerimonial de entrada individual dos craques por uma passarela de torcedores, copiada do modelo

Palmeiras tenha de novo jogado mal, especialmente no segundo tempo, quando o Santos dominou e só não marcou mais de um gol exclusivamente pela atuação de seu goleiro. Mas o técnico Vicente Arenari gostou e espera um rendimento bem melhor nesta quarta-feira, contra o Santo André, quando acredita que o ataque — leia-se Reinaldo, com quem o treinador manteve longa conversa, durante a semana — finalmente vai explodir.

No sábado, o Corinthians também não fez nem levou gols — pudera, seu adversário no Pacaembu era a Ferroviária de Araraquara. Com um uniforme reproduzindo a camisa que o time usava em 1910 — o clube está festejando seu 75.º aniversário —, o que estava programado para ser uma festa tomou um tom vagamente ridículo, à medida que os gols não saíam. Entrando no clima nostálgico, o presidente Roberto Pasqua, vaiado pela torcida, puxava a memória para buscar consolo: “Em 1954, também aconteceu isso durante a campanha com o então presidente Alfredo Trindade, que no fim do campeonato acabou faturando o título do IV Centenário”.

norte-americano difundido pelo Cosmos de Nova York, foi soterrado pela instituição nacional dos repórteres volantes de rádio e TV. Uma nuvem deles caiu sobre Falcão quando o jogador surgiu no túnel, impedindo a visão do público presente ao Morumbi.

Rapidamente, uma representante da TUSP, a Torcida Uniformizada do São Paulo, aproveitou-se de um momento de distração do jogador e enfiou-lhe na cabeça uma coroa de lantejoulas digna de uma escola de samba do segundo grupo paulistano. Quando Falcão viu que vinha mais — outro torcedor trazia um manto de cetim bordô e um cetro —, enfiou-se de volta na nuvem de repórteres, onde se refugiou da fantasia completa de novo rei de São Paulo.

Esse reinado ele pretende mostrar em campo. “Vim para vencer, como na Itália”, proclamou ele na noite de sexta-feira no restaurante do hotel, depois de um jantar que reuniu sua mãe, dona Azize, o irmão Pedro e um sobrinho, César, filho de sua irmã mais velha, Ilse, em torno do espartano cardápio do craque, que todos seguiram, solidários — filé com fritas, salada e refrigerantes.

A partir de agora, Falcão quer justificar, no menor prazo possível, a opinião do ex-colega de clube e hoje técnico do Internacional de Porto Alegre, Paulo César Carpegiani: “Com Falcão, o São Paulo torna-se sem discussão o melhor time do Brasil”.

Por onde passou até hoje, Falcão deixou a mesma imagem intocada. Na vasta correspondência despejada diariamente em seu nome no Hotel Transamé-



NICO ESTEVES

Na cozinha da concentração, com o paletó da griffe

rica, além das perfumadas cartinhas de amor que vêm de toda parte (veja o quadro na página 8), muitas mensagens desejando boa sorte são remetidas de Porto Alegre e Roma. Falcão deixa amigos ao trocar de camisa, ao contrário do que é comum no futebol. Os outros raríssimos fenômenos de unanimidade nacional na área de espetáculos, como Chico Buarque, por exemplo, foram explicados por uma conjunção de fatores: competente no que faz, agrada ao públi-



SERGIO BEREZOVSKY

Dário Pereyra (centro): na reserva

co em geral; bonito, atrai as mulheres; pela soma das coisas, conquista os mais idosos, que o imaginam como o filho ou o genro que pediram a Deus. Falcão sentiu na pele como se encaixa nesse tipo ideal, no saguão do hotel, sexta-feira passada. Ao passar ao largo de um chá beneficente, foi cercado por 60 velhinhas que se aproximaram, primeiro timidamente, pedindo autógrafos para os netos; no final, estalavam beijos no seu rosto, queriam arrastá-lo para o chá a todo custo.

No hotel, 60 velhinhas aderem às tietes

Ele tem noção exata do misto de admiração e respeito que provoca até entre os companheiros de profissão, e arrisca uma explicação para isso. "Eu levo a questão do respeito muito a sério. Quando um time em que estou jogando mete quatro ou cinco gols em cima de um adversário, naturalmente eu me contenho. Não gosto de humilhar ninguém, tenho horror de olé. Afinal, detestaria que isso acontecesse comigo." Hoje, uma das principais preocupações de Falcão é se entrosar com os companheiros de São Paulo.

De sua parte, a diretoria do clube cuida para evitar possíveis ciúmeiras. Excepcionalmente, o bicho para cada atleta na festa de quinta-feira, contra o Inter de Porto Alegre,

Paixões de um cavalheiro

Com beijos de batom selados nos envelopes, 50 cartas perfumam uma das gavetas da agência MPM, no centro de São Paulo, onde repousa parte da correspondência amorosa recebida por Paulo Roberto Falcão. Empenhado febrilmente nos treinamentos para recuperar o quanto antes a forma física e técnica, não seria agora que o craque se deixaria embriagar por algo afinal constante em sua vida — o fascínio que provoca entre as mulheres.

Solteiro convicto aos 31 anos de idade, Falcão jura que leva muito a sério as questões sentimentais. Tanto que só se apaixonou duas vezes: pela namorada Rosane, de Porto Alegre, quando ele tinha 19 anos,

Márcia Porto: "Somos apenas amigos, mas ele é um amor".
Falcão: assumindo a calvície



Com o irmão Pedro, a mãe Azize e o sobrinho César: dieta geral

foi de 2 milhões de cruzeiros. Além disso, o central Oscar viu instituído um troféu em seu nome — conquistado pelo São Paulo na vitória por 1 x 0. Como Falcão venceu a primeira semana superando dois testes rigorosos, nada mais natural

que esperar com otimismo por sua completa readaptação aos campos, para que possa fluir seu estilo único — cabeça alta, passes medidos, presença no ataque e na defesa. Como o clube, a equipe também deve girar em torno desse maestro de 31 anos que, como poucos no mundo, merece os 500 000 dólares anuais que recebe para trazer sua *griffe* inimitável de volta ao futebol brasileiro.

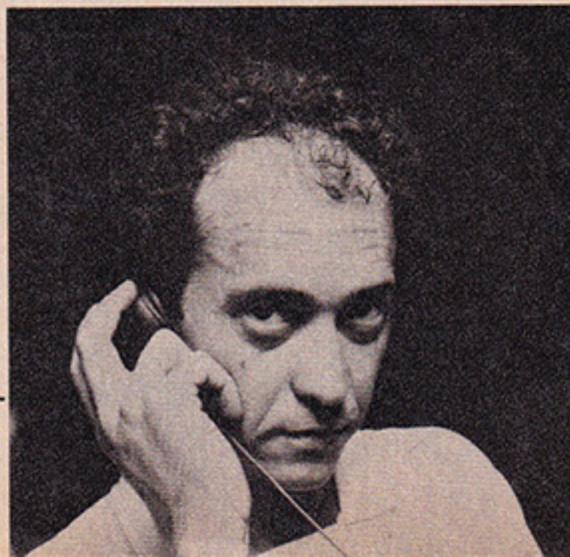
José Antônio Ribeiro e
Marcelo Duarte



ROGERIO REIS

e por uma misteriosa carioca — "a moça já está casada e não posso mais dizer seu nome", diz o jogador, respeitosa-mente. "Falcão é uma pessoa maravilhosa, um cavalheiro, um amor, conversamos muito e a qualidade que mais admiro nele é a inteligência", desfia atropeladamente suas admirações a manequim e atriz carioca Márcia Porto, citada como uma das namoradas de Falcão — ambos negam com veemência.

Extremamente cuidadoso com suas roupas, o jogador se diverte quando alguém lhe pergunta se a calvície precoce lhe tira o sono. "Nunca", rebate. "Acho que uma pessoa deve se apresentar bem, mas não pode deixar de se assumir, apelando para artificialismos." Para comprovar, afirma que jamais considerou com seriedade os convites de clínicas especializadas em reimplante capilar. "Mesmo xampu, eu só uso o que consigo roubar dos companheiros no vestiário", brinca. "Sou o que sou, e estou bem assim."



SÉRGIO BEREZOVSKY



JUCA KFOURI

O desfile de Falcão está só começando

Paulo Roberto Falcão, rei de Roma, voltou. Com a mesma elegância que um dia motivou, na Copa da Espanha, a admiração do zagueiro Juninho: "Ele faz gols com tanta elegância que deveria jogar de terno e gravata".

É a pura verdade. Claro que Falcão vai demorar um pouco a se adaptar. É visível que lhe falta noção de espaço, de potência nos lançamentos, de convicção na hora de dar o bote para o desarme. Mas seria até desumano exigir que Falcão voltasse ao futebol jogando tudo de que é capaz logo nos primeiros jogos.

Que o torcedor são-paulino tenha a inteligência de ser paciente por algum tempo, até para se conformar com a mudança de um estilo veloz para um jeito mais cadenciado de jogar. Porque, quando Paulo Roberto Falcão estiver plenamente confiante e readaptado, o tricolor terá em seu comando um dos mais brilhantes e talentosos jogadores do futebol mundial.

De terno e gravata mas, também, de camisa, calção, meia e chuteiras.

Os pecados da imprensa

A Seleção de Evaristo de Macedo ia mal? A culpa era da imprensa e, por isso, boicote nela.

O futebol que o Palmeiras anda jogando está abaixo da crítica?

Pois que alguns jornalistas sejam crucificados.

E o Corinthians está mais desorientado que cego em tiroteio? Ora, também com o que certos repórteres dizem e escrevem...

Tem sido assim, ultimamente. E de cabeças pretensamente mais arejadas, como as de Reinaldo e Casagrande, ou certamente conservadoras, como as de Leão, Mário Sérgio e Evaristo, a sentença é uma só, nostálgica dos tempos da censura: a imprensa quer tumultuar.

Como se a Seleção não estivesse no rumo da desclassificação, o Palmeiras em vias de completar nove anos sem título e o Corinthians galopando velozmente em direção ao passado — desde que as idéias de Wadih Helu triunfaram nas últimas eleições, o mesmo Helu que apóia Jânio Quadros para a Prefeitura paulistana.

Mas não têm sido poucos, também, os protestos das torcidas organizadas, contra o que consideram uma campanha da imprensa, responsabilizando os jornalistas pela violência nas arquibancadas e apontando a injustiça da generalização.

É bem verdade que existem maus jornalistas e bons integrantes de torcidas organizadas. Como é verdade que torcida organizada que se preze deve honrar o nome e, organizadamente, impedir que alguns poucos cometam violência em seu nome. Porque não resta à imprensa outra alternativa que não a de constatar ser a legião de torcedores de um grande clube muito maior que os

grupos organizados. E verificar que o torcedor comum está cada vez mais distante dos estádios. Culpa de quem?

Márcio Braga vem aí

Medrado Dias, candidato favorito à CBF e apoiado por Giulite Coutinho e João Havelange, garante ter assegurados 15 dos 26 votos e, talvez por isso, tergiversa.

Sua entrevista, levada ao ar no último sábado pelo SBT, é um bom exemplo das agruras de um candidato que não quer melindrar seu restrito eleitorado.

Se lhe perguntam quem será o técnico da Seleção na Copa, ele responde com cinco, seis, sete nomes. Se a questão é sobre o próximo Campeonato Brasileiro, a resposta é um exercício de equilíbrio. "Quero uma competição que beneficie os grandes e não prejudique os menores", algo assim como ser a favor da luz elétrica e da água encanada. E, se lhe indagam sobre o voto unitário, Medrado Dias confessa não estar preparado para discutir o tema.

Com um certo esforço de dedução, no entanto, é possível descobrir nas entrelinhas que ele quer Zagalo na Seleção, não pensa em mudar muito a atual fórmula da Taça de Ouro e acha o voto unitário uma boa.

Daí ser cada vez mais possível a candidatura de Márcio Braga, uma solução moderna.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ